

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**  
**CURSO DE ARTES VISUAIS BACHARELADO**

**TAILAN BORGES ELIAS**

**MEU EU ENTRE EUS: PEDAÇOS DE MIM**

**CRICIÚMA**

**2019**



**TAILAN BORGES ELIAS**

**MEU EU ENTRE EUS: PEDAÇOS DE MIM**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Ma. Katuscia Angélica Micaela de Oliveira

**CRICIÚMA**

**2019**



**TAILAN BORGES ELIAS**

**MEU EU ENTRE EUS: PEDAÇOS DE MIM**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas: Linguagens

Criciúma, Novembro de 2019

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Katiúscia Angélica Micaela de Oliveira - Mestra - (UNISUL)

Prof.<sup>a</sup> Daniele Cristina Zacarão Pereira - Mestra - (UDESC)

Prof. Zolnei Vargas E. de Cordova - Especialista - (FUCAP)



## AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu gostaria de agradecer aos meus pais, pois graças a eles estou aqui neste mundo, e, além do mais, família, por mais que seja desajustada às vezes, ainda continua sendo família. Ainda falando disso, quero deixar meus mais sinceros agradecimentos e todo o meu amor e carinho a minha avó, que me salvou no momento mais difícil de minha vida, que me tirou do abismo, que novamente deu luz à minha existência. Meu amor por você é imensurável!

Agradeço imensamente à minha orientadora, e posso dizer amiga, Katiuscia Angélica Micaela de Oliveira por me dar todo o suporte que eu precisava para conseguir realizar esse projeto.

Agradeço a você, minha primeira e uma das mais sinceras amigas que já tive, Ana Paula Gallas Fernandes, pelos puxões de orelha, pelo conselho certo na hora certa, por estar comigo até agora.

Não tenho palavras para agradecer a minhas colegas de curso, amigas, que vou levar para sempre comigo, Bianca Ricken de Jesus, Gisele Gonçalves e Helen Macedo. Vocês me ajudaram a passar por esses 4 anos de graduação, deram-me suporte, deram-me carinho, deram-me até mais do que eu poderia pedir. Amo vocês!

Agradeço também aos meus gatos, Mel, Suzana e Damon, por estarem sempre comigo nos melhores e até mesmo nos piores momentos, principalmente nos piores momentos. O carinho deles sempre me ajudou, e ainda ajuda a me sentir melhor, carinho sincero, carinho que não me deixou desistir.

Além disso, gostaria de agradecer a todas as outras pessoas na minha vida que não desistiram de mim, que ficaram do meu lado, que me deram apoio, que foram a minha rede de segurança nesses últimos 8 anos, que não foram nada fáceis. Faltam-me palavras para agradecer a todos vocês, perco o fôlego quando lembro que tenho tantas pessoas maravilhosas à minha volta. Eu amo todos vocês.

No universo paralelo, ficam revogadas as leis da Física. Nem sempre o que sobe desce; um corpo em repouso não tende a permanecer assim e nada garante que a toda ação corresponderá uma reação igual e contrária. O próprio tempo é outro. Pode correr em círculos, refluir, saltar ao léu de hoje para ontem. Até a disposição das moléculas é fluida. Uma mesa talvez seja um relógio; um rosto pode ser uma flor. Esses fatos, porém, você só descobre mais tarde. Outro aspecto curioso do universo paralelo é que, embora ele seja invisível pelo lado de cá, depois que entramos fica fácil enxergar o mundo do qual viemos. Às vezes, o mundo do qual viemos nos parece vasto e ameaçador, trêmulo e instável como uma imensa gelatina; outras vezes, é uma miniatura fascinante, girando, reluzente, em sua órbita. De uma maneira ou de outra, não há como descartá-lo.

Suzana Kaysen

## RESUMO

Meu eu entre eus: pedaços de mim tem como temática arte e loucura. Apresenta um levantamento dentro da história da arte sobre alguns artistas das mais diversas linguagens que viveram com algum tipo de transtorno mental. Apresento aqui uma obra de arte, material físico em formato de livro, onde consta a conclusão da minha graduação do curso de Artes Visuais Bacharelado, esse uma obra literária narrativa ficcional, onde contarei histórias de pessoas que também vivem com transtornos mentais e sua relação com seu transtorno, trazendo relatos de sua vida com eles. Além disso, trata também da minha própria história, e minhas produções artísticas, minhas motivações e inspirações. Fundamento a pesquisa em Didi-Huberman, Foucault e Silveira, entre outros, contextualizando com as minhas produções, através de uma metodologia artográfica.

**Palavras-chave:** Arte, Loucura, Ficção, Narrativa, Transtorno mental.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Francisco de Goya.....	24
Imagem 2 – Saturno devorando a um filho.....	25
Imagem 3 – Vincent Van Gogh.....	27
Imagem 4 – Girassóis.....	28
Imagem 5 – Noite estrelada.....	29
Imagem 6 – Kim Noble .....	31
Imagem 7 – I-Taste.....	33
Imagem 8 – Yayoi Kusama.....	34
Imagem 9 – The obliteration room.....	37
Imagem 10 – Arthur Bispo do Rosário.....	38
Imagem 11 – Manto Da apresentação.....	40
Imagem 12 – Rodrigo de Souza Leão.....	42
Imagem 13 – Estava .....	78
Imagem 14 – Demônios internos 1\10.....	81
Imagem 15 – Demônios internos 2\10.....	82

Imagem 16 – Demônios internos 3\10.....	83
Imagem 17 – Demônios internos 4\10.....	84
Imagem 18 – Demônios internos 5\10.....	85
Imagem 19 – Contágio .....	86
Imagem 20 – Expurgo.....	87
Imagem 21 – Rostos, 1.....	88
Imagem 22 – Rostos, 2.....	89
Imagem 23 – Rostos, 3.....	90
Imagem 24 – Rostos, 4.....	91

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 A HISTÓRIA QUASE NUNCA CONTADA .....</b>	<b>23</b>
<b>3 CURTOS TRECHOS DE UM LONGO TALVEZ .....</b>	<b>49</b>
<b>4 MEU EU .....</b>	<b>75</b>
<b>5 RECEITA PARA A LOUCURA.....</b>	<b>93</b>
<b>6 DIÁRIO .....</b>	<b>95</b>
<b>7 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXO 1 - DIÁRIO.....</b>	<b>103</b>



## 1 INTRODUÇÃO

No mundo em que vivemos há uma grande neblina que cobre nossos olhos e dispersa nossa atenção para qualquer tipo de transtorno da mente em suas mais diversas formas e manifestações. Pessoas portadoras de tais transtornos são tachadas de loucas.

Grande parte das pessoas, as normais, que vivem ao redor de pessoas com transtornos mentais não tem o mínimo de decência de procurar entender o que se passa com os ditos loucos, como funcionam seus raciocínios, o que acontece dentro de suas cabeças, quais são as manifestações e sintomas físicos, ou seja, quase não se tem nem um interesse em saber. Se somos, na maioria, ditos “normais”, então por que nos preocupar com a loucura alheia?

Eu era uma dessas pessoas, até que os sintomas do meu transtorno começaram a se manifestar por volta dos meus 15 anos, e foi nesse momento que avistei a ponta do iceberg, que com minha esperança jovial, achei ser um dos pequenos e que se derretem com facilidade. Eu estava completamente enganado. Os dias foram passando, os meses, um ano se passou e lá estava eu, recebendo meu diagnóstico: depressão, transtorno de ansiedade, distúrbio do sono (insônia) e, como nem um transtorno mental vem sozinho, ganhei de brinde algumas coisinhas a mais; logo mais recebi outros diagnósticos como

Transtorno Obsessivo compulsivo (TOC)<sup>1</sup>, Dislexia<sup>2</sup>, TDAH<sup>3</sup>, Síndrome do Pânico<sup>4</sup>, enfim, é bastante para um jovem de 16 anos processar, entender e mais ainda lidar. Lidar eu diria que é a pior parte, pois simplesmente em determinadas situações em que nos encontramos, ou melhor, que nos encontram, não conseguimos. E, por último, TPB (Transtorno de Personalidade Borderline)<sup>5</sup>, que, assim como outros, não tem cura. O trata-

1 O TOC, CID 10 - F42 é um transtorno mental caracterizado pela presença de obsessões, compulsões ou ambas. As obsessões são pensamentos, impulsos ou imagens indesejáveis e involuntários, que invadem a consciência causando acentuada ansiedade ou desconforto e obrigando o indivíduo a executar rituais ou compulsões que são atos físicos ou mentais realizados em resposta às obsessões, com a intenção de afastar ameaças (contaminação, a casa incendiar), prevenir possíveis falhas ou simplesmente aliviar um desconforto físico.

2 Dislexia, CID 10 - R48 é um transtorno específico de aprendizagem, de origem neurobiológica. Trata-se de um conjunto de sintomas, que resultam em pessoas com dificuldades com habilidades específicas de linguagem, particularmente a leitura. A dislexia é caracterizada por uma dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração.

3 TDAH, CID 10 - F90 é sigla que representa o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade. Trata-se de um transtorno do neurodesenvolvimento. As características centrais são a dificuldade em regular a atenção e controlar impulsos e hiperatividade.

4 A Síndrome do pânico, CID 10 - F41.0 é um dos transtornos de ansiedade mais comum. Geralmente diagnosticado em pessoas que experimentam ataques de medo e pânico espontâneas, repentinas e inesperadas.

5 O transtorno de personalidade borderline, CID 10 - F60.3 é um transtorno mental grave caracterizado por um padrão de instabilidade contínua no humor, no comportamento, auto-imagem e funcionamento. Os sintomas mais comuns da síndrome de borderline englobam instabilidade emocional, sensação de inutilidade, insegurança, impulsividade e relações sociais prejudicadas. Essas experiências geralmente resultam em ações impulsivas e relacionamentos instáveis. Uma pessoa com Síndrome de Borderline pode experimentar episódios intensos de raiva, depressão e ansiedade que podem durar de apenas algumas horas a dias.

mento com as medicações serve para amenizar os sintomas, que são muitos. Fiquei completamente arrasado, minha vida apertou o botão de *stop* e simplesmente parou, estacionou ali e dali não saiu. Vivo com esse diagnóstico há sete anos, sete anos de altos e baixos, idas a médicos, exames quase que periódicos, crises repentinas, sem nem um aviso prévio, que resultaram em muitas idas emergenciais aos hospitais. Sofrimento, dor, confusão. Vivi uma vida muito frustrada e desajustada nesses últimos oito anos, e a minha vinda para a universidade de muitas maneiras me ajudou no processo de florescer artisticamente, no processo de amadurecimento que venho tendo ao longo do meu caminhar por aqui.

Escolhi estar onde estou principalmente para me ajudar a manter o foco e desviar a atenção de tais acontecimentos (que ainda estão presentes) e tentar tirar algo bom disso tudo. Em geral o portador de Borderline tem muita dificuldade em relação ao autocontrole, mas desde que comecei o curso isso tudo se amenizou um pouco, mesmo com todos os altos e baixos que sempre me ocorreram; sinto-me mais no controle fazendo algo que eu gosto, como, por exemplo, praticar exercícios físicos, ler etc.

Inevitavelmente, tal transtorno e todos os seus sintomas se apossaram de mim de maneira tão intensa e profunda que me vi sendo direcionado a integrá-lo ao meu “eu” pessoa e ao meu “eu” artista também, a todos os âmbitos de minha existência. É impossível me desvincular dele, criei uma relação de

codependência, na qual eu não existiria como sou hoje sem ele, e ele obviamente não existe sem mim, estamos ligados para uma vida inteira, a minha vida. Gosto de pensar que não escrevo apenas para mim, e realmente não escrevo. Tudo que faço dentro do mundo das artes é para passar algum recado, para principalmente fazer com que quem quer que esteja vendo meu trabalho consiga ao menos parar um segundo que seja e refletir sobre o que está bem à frente de seus olhos, ou no caso, sobre algo que está tão distante, mas que com essa reflexão pode sim se aproximar e se tornar mais íntimo, por mais que os acontecimentos narrados não tenham relação com você ou sua vida.

Penso de tal forma pois comigo também funciona assim, não consigo ler um poema ou ver uma fotografia sem refletir sobre o que acabei de ver, é algo quase instantâneo, algo quase mágico, assim como é mágico saber que alguém é tocado por suas palavras, e se forem como eu, acabam levando tais palavras para uma vida inteira.

Levando em consideração tudo aqui já dito, levanto a seguinte questão problema: **Os transtornos mentais podem potencializar os processos de produção artística? Como isso se torna visível na produção do artista?**

Creio que seja de grande importância para mim enquanto artista, pesquisador e pessoa, o maior diálogo sobre transtornos mentais, pois viver com um transtorno, qualquer que seja, afeta a vida completamente, atinge de tal forma a vida da pes-

soa que ela não consegue se distanciar do impasse, não ao ponto de se desvincular dele. Assim sendo, trago como questões norteadoras: **como fazer ligação entre produção e loucura? Como usar os transtornos como catalisadores para a produção artística? A arte nos apresenta ligação com os transtornos da mente?**

Quando falo que tenho uma necessidade urgente de falar sobre o tema justamente sobre a falta de diálogo sobre o mesmo, acabo por falar por outras pessoas também, pessoas essas que compartilham comigo esse peso, e são pessoas reais, são pessoas que estão por aí, perdidas, ou se sentindo impotentes em relação a si mesmas, assim como eu era. Volto meu olhar também para a produção artística em cima deste tema, e como ela é afetada pelo meu transtorno em todos os âmbitos, e de como é importante essa compreensão de que você produz através da influência do transtorno.

Tenho como objetivo geral pesquisar sobre como os transtornos mentais podem afetar as produções artísticas e o próprio artista em si. E como objetivos específicos entender de maneira mais precisa, buscando dentro da história da arte, as formas com as quais os transtornos mentais podem impulsionar as produções artísticas e a relação do artista com a produção em si; e entender a funcionalidade da ligação entre transtorno e produção.

No segundo capítulo será apresentado um levantamento histórico sobre artistas famosos das mais diversas rami-

ficações da arte, de forma não linear, pois acredito que assim como a loucura, a arte não segue uma linearidade, pois ela viaja entre seus períodos sempre resgatando coisa ou outra e se reinventando, se ressignificando, uma breve história que contará os acontecimentos ligados aos seus transtornos. O terceiro capítulo será dedicado a narrar histórias de pessoas que vivem à minha volta e que também sofrem com algum transtorno mental. Essas histórias foram construídas a partir de conversas que tive com essas pessoas. Também inseri partes da minha própria história dentro desta narrativa, construindo assim uma terceira história, fictícia, porém ao mesmo tempo real, ou seja, acabou por se tornar uma obra literária narrativa ficcional. O quarto capítulo abordará um pouco mais da minha história de vida. Falarei também sobre meus processos, minhas inspirações para minha arte, sua temática e o porquê dela.

Minha primeira referência é o livro “Garota Interrompida”, de Suzana Kaysen (2013), no qual a partir de um diário que ela mantinha enquanto internada, relatou sua vida dentro do sanatório, relatos esses que vieram a se tornar um livro, e posteriormente um filme. Suzana tem Transtorno de Personalidade Borderline, assim como eu, o que potencializa de certa forma o conteúdo de sua escrita, no sentido de se relacionar muito bem aos meus diálogos pessoais. Trata de medicações, laudos, sensações físicas, enfim, tudo sobre sua experiência vivendo com o transtorno e ainda traz suas experiências sobre o convívio com outras pessoas com os mais diversos transtor-

nos.

Trago como referência, também, o livro “O Esquizoide”, de Rodrigo de Souza Leão (2011), que, através de suas vivências no manicômio, relata, com muita sinceridade e sofrimento, como é viver com esquizofrenia e todas as dificuldades resultantes do transtorno. Assim como Suzana, Rodrigo nos informa de uma realidade que não tem a visibilidade que deveria, a realidade do ponto de vista de um louco. Em outro livro, “Enciclopédia de psicologia contemporânea”, de Lannoy Dorin (1981), encontrei um pouco mais sobre o conceito de anormalidade que é tratado de uma forma clínica vinculada a fatores culturais, o que foi interessante de se pensar, já que a visão do termo “loucura” pode variar muito de uma cultura para outra. Luciana Hidalgo, em seu livro “Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto”, nos traz a trajetória de Bispo, nos conta mais sobre sua história, o sanatório, ou seja, um apanhado geral da vida de bispo, assim como Marta Dantas, em seu livro “Arthur bispo do Rosário: a poética do delírio”, no qual podemos conhecer um pouco mais da obra de Bispo e entender também o que está por trás delas. No decorrer do trabalho apresentarei mais teóricos com pensamentos que vão de encontro ao meu.

Uma pesquisa científica funciona seguindo métodos de investigação. Investigação esta que será usada no estudo que o pesquisador está exercendo. Por meio da pesquisa científica, usei o método da artografia, voltando-se mais para o lado das narrativas, que, segundo Souza, Martins e Tourinho (2015,

p.13) “são construídas na experiência como atos de formação e transformação de episódios que, elaborados, produzem diversas temporalidades, novas significações e outras histórias de vida”. São 4 (quatro) histórias construídas a partir das minhas histórias e vivências com meu transtorno mental vinculadas às histórias de outras 4 (quatro) pessoas. Neste contexto, minha pesquisa é qualitativa e segue a linha de “PROCESSOS E POÉTICAS: LINGUAGENS: Concepções teóricas e processos de criação”, contemplando as linguagens artísticas. Arte, linguagens e contextos dos fenômenos visuais do Curso de Artes Visuais Bacharelado da Unesc. Além de trazer teóricos, criei um rizoma com os meus processos de criação. Além disso, na pesquisa, apresento uma linha do tempo não linear, na qual elenco **vários artistas que também viveram com transtornos mentais, mostrando** que suas produções artísticas têm também ligação com seus transtornos.

A pesquisa foi realizada em campo, e conversei com as 4 (quatro) pessoas em questão e registrei essas conversas em arquivos de áudio, que posteriormente foram transcritos. Nesse processo inseri as minhas histórias, chegando então ao objetivo, criando relatos de experiências sobre a vida com um transtorno. A produção final é apresentada no formato de arquivos, e cada relato está disponível para leitura. Juntamente com os relatos pretendo apresentar um projeto fotográfico que está vinculado aos mesmos.

## 2 A HISTÓRIA QUASE NUNCA CONTADA

Parte do conteúdo aqui apresentado foi retirada de sites e blogs, devido à grande falta de pesquisas relacionadas às questões de estudos sobre ligação entre mente e arte.

Quando falamos de transtornos mentais, ou loucura, como se era dito no século XVIII (e que a ignorância ainda leva alguns a referirem-se desta forma nos dias atuais), podemos identificar figuras famosas, pelo seu intelecto e criatividade que de certa forma era e ainda é considerado algo fabuloso por conseguirem desenvolver o campo da percepção para um nível além do considerado comum, utilizando seu transtorno como catalisador para produção e expressão, e justamente por tal motivo podemos olhar para a história e de certa forma ter uma maior amplitude no olhar voltado a esses indivíduos e de ter uma percepção mais profunda, justa, triste e linda ao mesmo tempo sobre suas distintas jornadas nessa grande estrada que passa pelos caminhos da mente.

Imagem 1 – Francisco de Goya



Fonte: Escola educação

Em 1793, o famoso e importante pintor espanhol Francisco de Goya ficou muito doente. Sua debilidade física foi muito intensa, sofria com fortes dores de cabeça, alucinações e dificuldades motoras. Na época, não teve um diagnóstico psiquiátrico, mas hoje em dia já conseguimos falar com maior exatidão de que Goya sofria: Síndrome de Susac<sup>6</sup>. O pintor, devido a sua doença, acabou perdendo a audição aos 46 anos...

---

6 A síndrome de Susac, CID-10: 167.7 é caracterizada por uma tríade clínica de encefalopatia, oclusões de ramos arteriais da retina e perda de audição neuro-sensorial. Parece afetar preferencialmente mulheres jovens.

Imagem 2 – Saturno devorando a um hijo



Fonte: Cultura e viagem

Sem dúvidas essa é a obra mais macabra de Goya, o

que penso é que pode ser algo que já foi derivado de seu transtorno provavelmente, um delírio, uma alucinação, pode ser, quem pode nos dizer que não? Eu acredito muito que sim. Talvez um retrato da deterioração da sua própria mente. Consigo perceber muita angústia, muito medo e principalmente horror nesta obra de Goya, penso que o horror é algo que acompanha pessoas como nós o tempo todo, pois você nunca sabe o que vai acontecer, nunca sabe se vai ter uma crise ou não, nunca sabe se o dia inteiro vai correr bem, eu diria que esse horror causa uma incerteza, incerteza essa que não some assim tão fácil, ela permanece, fica ali, escondidinha, esperando a oportunidade certa de tomar conta do nosso ser, e nos deixar completamente desestabilizados. Posso perceber claramente a agonia no olhar do personagem, e os tons escuros acabam fortalecendo essa sensação.

Imagem 3 – Vincent Van Gogh



Fonte: Babelio

O pintor holandês **Vincent Van Gogh**, um dos mais influentes e conhecidos até hoje, cometeu suicídio em 1890. Seu diagnóstico era incerto. Os principais fatores seriam o uso excessivo de absinto, intoxicação por chumbo, possivelmente teve epilepsia e sífilis, e, em relação a seu transtorno, temos alguns que se enquadram no seu perfil de sintomas, como esquizofrenia, transtorno de personalidade Borderline e transtor-

no bipolar. Toda essa desordem acaba por ficar muito aparente em suas obras.

Imagem 4 – Girassóis



Fonte: Obviou

Atualmente, Van Gogh ainda é um dos pintores mais conhecidos e renomados, suas obras encantam a todos que seu olhar a elas direcionam. Perco-me em pensamentos olhando suas pinceladas e tentando entender toda a dor, sofrimento, angústia e a própria loucura nelas postas.

Imagem 5 – Noite estrelada, 1889



Fonte: Obvious

Frayze-pereira (2010, p.252) diz que “o que não é pos-

sível deixar de observar, entretanto, é que o interesse de Van Gogh pelo céu era profundo”. Van Gogh tinha muitos problemas de fato; tento entender o que ele queria representar com suas pinceladas. O destaque das cores azul e amarelo representam, para mim, uma obsessão pelas cores, assim como os girassóis que ele adorava. A representação do vento em espirais no céu me remeter muito a uma crise psicótica, onde você vê as coisas se mexendo, oscilando, como acontece comigo às vezes, quando vejo as paredes oscilando como ondas do mar. Sei que de fato elas não estão se mexendo, pois tenho um pé muito firme e resistente dentro da realidade, mas isso não significa que não estejam oscilando.

Imagem 6 – Kim Noble

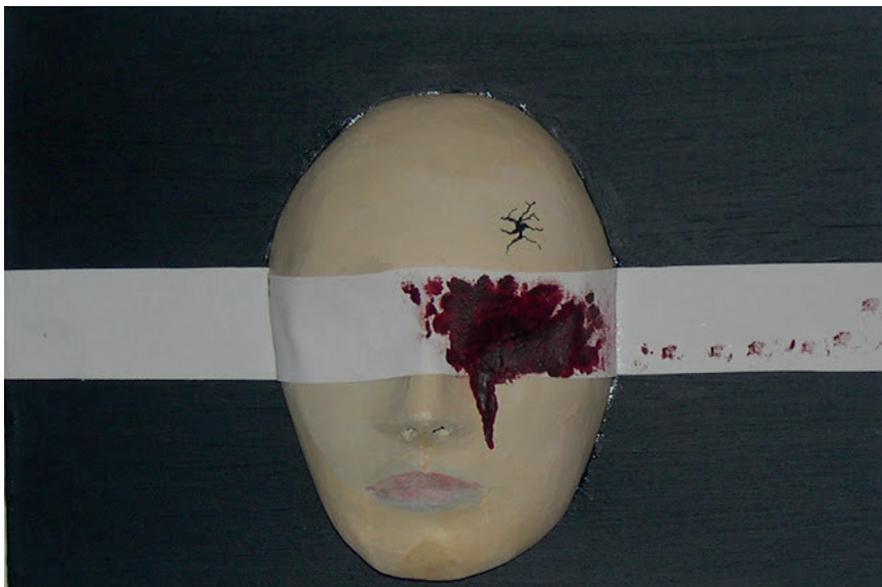


Fonte: Amino

Esse é um dos casos mais intrigantes relacionado a transtornos mentais dentro do campo da arte, **Kim Noble**. Kim foi diagnosticada com transtorno de múltipla personalidade e transtorno dissociativo de identidade. O caso se torna raro porque ela se fragmentou em 20 alter egos completamente diferentes, e 14 deles possuem uma coisa em comum: todos os 14 sabem pintar, porém cada um em um estilo diferente. Para entendermos melhor quem é Kim Noble, seu site nos fala um pouco mais sobre ela, ou, melhor dizendo, elas.

Kim Noble é uma mãe, artista e autora que tem Transtorno Dissociativo de Identidade (DID). DID é uma maneira criativa de lidar com a dor insuportável. A personalidade principal se divide em várias partes, cada uma com uma barreira amnésica entre elas. Dentro e fora do hospital a partir dos 14 anos de idade, sem treinamento formal em arte, Kim e seus colegas se interessaram pela pintura em 2004, depois de passar um curto período com um arteterapeuta. Os 13 artistas resultantes têm um estilo, cor e temas distintos com os quais trabalham. Muitos não sabem que compartilham um corpo com outros artistas. Combinados, eles tiveram mais de 60 exposições, nacionais e internacionais. Noble foi o primeiro artista em residência no Springfield University Hospital em Tooting, no sudoeste de Londres. Seu livro 'All of me' foi publicado por Piatkus em 2011. Noble teve muitas aparições na TV e no rádio, incluindo Oprah Winfrey Show, This Morning Show, Anderson Cooper Show e BBC Radio1 com Victoria Derbyshire. (KIM NOBLE ARTIST, 2019)

Imagem 7- I-Test



Fonte: Danizudo

Convivendo há oito anos com meu transtorno de personalidade Borderline já acho difícil lidar com as muitas oscilações de uma mesma personalidade (o que é muito difícil de lidar), então não consigo nem imaginar como deve ser para Kim conviver com mais 19 dela mesma, 20 consciências habitando um mesmo corpo, um mesmo ser. É fascinante e ao mesmo tempo assustador tentar manusear sua própria personalidade. Não é tarefa fácil.

Imagem 8 – Yayoi Kusama



Fonte: CNN Style

**Yayoi Kusama** é artista plástica, desde a infância, sofre de transtorno obsessivo compulsivo e também com alucinações, que acompanham seus episódios de depressão. Decidiu ser internada em uma instituição psiquiátrica no Japão, onde vive até hoje e sai apenas para produzir em seu ateliê. É uma das mais famosas artistas contemporâneas internacionais nos dias de hoje e também um grande ícone da moda. Em uma entrevista para O Globo, que concedeu via e-mail, fala abertamente sobre sua doença e sua relação com a arte:

— Por sorte, quando eu ainda era muito jovem, fui a um psiquiatra que entendia de arte. Desde então, eu luto contra a minha doença; embora, no meu caso, a cura estivesse em criar arte baseada na doença. Desenvolver minha criatividade foi a minha cura.

— Por causa Da guerra, eu tive que passar a minha juventude na escuridão de um Japão militarista — conta a artista. — Isso fez com que eu buscasse um lugar mais amplo, um mundo exterior em que pudesse me expressar. Então, fui para os Estados Unidos.

— Hoje, muitas pessoas generosamente reverenciam minha arte e são tocadas pela minha maneira de viver. Fico feliz que a sociedade tenha evoluído tanto — diz ela.

— Eu sou inspirada por todo o universo, pela Humanidade e por ilusões e sonhos que existem dentro de mim — afirma a artista. — Vez por outra, mensagens sobre as mais diversas coisas nascem dos meus conflitos mentais, resultando na criatividade da minha arte. (...) Mas a minha arte é também necessária para que eu lute contra meus sentimentos de morte.

— Eu tomo remédios todos os dias, exceto quando estou pintando. (O GLOBO, 2013)

Acho que assim como todos os outros artistas que aqui trago, Kusama é um belo exemplo para falar do uso de seu próprio transtorno mental como catalizador, como ferramenta para a produção artística, nada mais justo, já que o transtorno se apossa do nosso ser e nos usa também, acho uma troca razoável. Minha produção também veio a partir de todo o meu sofrimento, minha dor ao longo desses anos. Infelizmente tenho que tomar minhas medicações mesmo quando estou produzindo, não tenho a mesma sorte que Kusama, mas quem sabe um dia.

Imagem 9 – The obliteration room



Fonte: Plataforma Arquitectura

É impossível não reparar que Kusama tem uma obsessão por reunir a maior quantidade de bolinhas possíveis. Essa obsessão é presente em todas as suas obras, nas quais sempre trabalha com o formato circular, que a atrai muito por conta de suas alucinações, quando vê muitos círculos.

Imagem 10 – Arthur Bispo do Rosário



Fonte: Vera Cruz

**Arthur Bispo do Rosário**, considerado apenas mais um louco na época e que somente foi considerado artista há pouco tempo, teve sua primeira alucinação em 1938, quando viu um grupo de anjos que lhe disseram ser um escolhido do Senhor. E ele falou sobre isso.

22 DEZEMBRO 1938 – MEIA NOITE  
ACOMPANHADO POR – 7 – ANJOS EM  
NUVES ESPECIAIS FORMA ESTEIRA –  
MIM DEIXARAM NA CASA NOS FUNDO  
MURRADO RUA SÃO CLEMENTE – 301  
– BOTAFOGO ENTRE AS RUAS DA PAL-  
MEIRAS E MATRIZ EU COM LANÇA NAS  
MÃO NESTA NUVES ESPÍRITO MALISI-  
MO NÃO PENETRARA – AS 11 HORAS  
ANTES DE IR AO CENTRO DA CIDADE  
NA RUA PRIMEIRO DE MARÇO – PRAÇA  
– 15 – EU FIZ ORAÇÃO DO CLEDO NO  
CORREDOR PERTO DA PORTA – VEIO

MIM – HUMBERTO MAGALHÃES LEONI – ADVOGADO MESTRE PARA ONDE EU IA PERGUNTOU – EU VOU MIM APRESENTAR – NA IGREJA DA CANDELÁRIA – ESTA FOI MINHA RESPOSTA. (HIDALGO, 1965, p.07)

No mesmo ano foi internado e diagnosticado como esquizofrênico-paranoico. Bispo do Rosário ficou muito conhecido por sua mais famosa obra, “O manto da apresentação”. Bispo, penso eu, foi sua própria embarcação, levando a si mesmo pelos imensos mares dessa vida cheia de injustiças, ficou à deriva, até que encontrou seu porto e atracou no sanatório, onde fazia sua arte sem se preocupar com nada mais além da arte em si, já que a mesma era feita sobre ordem das vozes que ouvia. Por mais que ele não soubesse exatamente o que estava fazendo, continuava a fazer. Penso que esse é o grande segredo, continuar, mesmo sem saber o motivo.

Imagem 11 – Manto da apresentação



Fonte: Cultura

Às vezes, quando se trata de transtornos mentais, nem sempre tudo faz sentido, então nos agarramos às coisas que tenham o mínimo de lógica possível. Assim é que surgem as manias. Por exemplo, quando eu era menor não conseguia sentir o cheiro de nada mais na minha mão além do cheiro

do sabonete, então toda vez que eu encostava em algo que deixava algum cheiro diferente nas minhas mãos, eu ia correndo para o banheiro lavá-las, e assim ficava por vários minutos, saía do banheiro com as mãos vermelhas de tanto esfregar. Não entendo direito o porquê disso até hoje, mas na época fazia todo sentido.

Imagem 12 – Rodrigo de Souza Leão



Fonte: Facebook

**Rodrigo de Souza Leão** foi músico, poeta, jornalista, pintor e prosador. Aos 17 anos, foi diagnosticado primeiramente com transtorno obsessivo compulsivo e posteriormente com esquizofrenia paranoide, teve sua morte precoce, amarrado a uma cama em uma clínica psiquiátrica no Rio de Janeiro, onde se internou por vontade própria por medo de ter uma nova crise. Rodrigo acreditava viver com uma bomba dentro de sua cabeça, dizia que “eles” haviam a colocado lá, e que estavam atrás dele para matá-lo. Em seu livro “O Esquizoide”, ele relata como

foi viver com essa bomba dentro de sua cabeça, como foi viver em um sanatório. Em seu livro é possível enxergar muito bem a loucura sendo posta para fora.

Leão (2011) diz que “o tempo passou devagar. Foi se arrastando. Depois da bomba, sempre foi assim: o tempo demorando a passar. A vida sendo vivida segundo a segundo. E nada fazendo-me esquecer do que carrego dentro de mim.” Uma experiência como essa muda por completa a vida do indivíduo, tudo deixa de ser o que era e passa a ser algo completamente estranho, desprendendo-se com frequência do que considerávamos real ou não. O tempo deixa de ser linear, os polos se invertem, positivo passa a ser negativo, negativo passa a ser positivo, em cima se torna embaixo, e embaixo se torna em cima. Ele ainda diz: “considero o que aconteceu comigo uma atrocidade. Sou uma vítima, mas não gosto do papel de vítima; por isso estou escrevendo, para romper com os grilhões que me prendem ao passado”. (Leão, 2011) Tenho de concordar com Leão, não gosto também de me por no papel de vítima, mas ocasionalmente é inevitável. Para contar a minha história tenho de ser totalmente sincero sobre meus pensamentos e, assim como Leão, acho totalmente injusto o que aconteceu a mim. Então, surgem as perguntas básicas para essa situação: por que eu? O que eu fiz para merecer isso? São muitas as dúvidas, e infelizmente respostas para elas não teremos, porque simplesmente tais respostas são incertas, você pode sofrer disso por fatores genéticos, psicossomáticos, disfun-

ções relacionadas a outras doenças, portanto, é difícil achar uma resposta que seja satisfatória. Eu fico pensando que talvez isso tudo seja obra do universo, talvez tudo fosse para ser exatamente como aconteceu, e não tem como mudar isso. Uma grande desventura? Com certeza, uma bela de uma desventura. Ninguém é merecedor de tal sofrimento, mas acho que construímos o barco com a madeira que temos, e que se dane se a nossa madeira é um pouco torta, pois faremos um barco torto mesmo.

Acho interessante também trazer alguns outros nomes que podem contribuir para a pesquisa, nomes importantes na história da arte, nas suas mais diversas linguagens.

Em 1873, Friedrich **Wilhelm Nietzsche**, um dos mais importantes filósofos do século XIX, começou a adoecer, inicialmente por conta da sífilis resultante de sua vida sexual um tanto quanto questionável. Acredita-se também que o uso contínuo de drogas pode ter ajudado no desenvolvimento de sua demência, e só aproximadamente dez anos após o contágio os sintomas começaram a se manifestar, onde se passou a acreditar que o grande filósofo alemão tinha alguma desordem mental.

A famosa escritora **Virginia Woolf** sofria de transtorno bipolar. Acredita-se que foi resultante de um transtorno de estresse pós-traumático. Quando sua mãe faleceu, tinha 13 anos, e teve sua primeira crise, o que desencadeou todo o resto. Pas-

sou por outra grande crise, aos 22 anos, quando seu pai também faleceu. Tentou cometer suicídio várias vezes, e, aos 59 anos, finalmente conseguiu, após afogamento em um rio.

Considerado o maior compositor do romantismo alemão, **Robert Schumann** sofria de transtorno afetivo bipolar acompanhado de depressão, surtos psicóticos e alucinações, e por fim seu diagnóstico foi de melancolia psicótica. Schumann contraiu sífilis em 1830, o que o levou a se submeter a alguns tratamentos como, por exemplo, um método que se utilizava de mercúrio e arsênico, resultando em algumas sequelas, que provavelmente o levou a desenvolver seu transtorno. Foi então, em 1854, após viver muitos anos com pensamentos suicidas, tentou suicídio, mas foi encontrado e salvo. Cansado de lutar, internou-se em um sanatório voluntariamente e morreu em 1856.

**Ernesto Nazareth** foi um grande músico brasileiro. Em 1920, começou a apresentar surdez, que de início não foi levado muito a sério, mas na realidade era o início da manifestação da sífilis que havia contraído, e que também resultou em suas desordens que não tiveram um diagnóstico certo. Foi internado em um sanatório, do qual fugiu em 1934 sendo encontrado apenas três dias depois já morto.

**José Joaquim de Campos Leão**, mais conhecido como Qorpo Santo, viveu em Porto Alegre, onde foi estudar gramática e logo então se tornou professor. Foi também escritor e poeta. Em 1862, seus sintomas começaram a se manifestar e foram

tomados como resultado de sua monomania, o que implicou na sua interdição judicial por iniciativa de sua própria esposa, sendo assim afastado dela, dos filhos e do cargo de professor. Em 1883, morreu de tuberculose.

**Lima Barreto**, um dos maiores e mais importantes escritores brasileiros, também entra nesta lista. O alcoolismo foi o que levou Lima Barreto a desenvolver sua desestabilidade mental, que também não teve um diagnóstico conclusivo. Foi internado por duas vezes, na segunda, em 1919, escreveu seu livro “Cemitério dos vivos”, obra inacabada e postumamente publicada, na qual critica profundamente a vida que as pessoas internas em um sanatório levam, e de como são marginalizadas e maltratadas pelas instituições. Em 1922, aos 42 anos faleceu vítima de ataque cardíaco.

A partir deste ponto, podemos parar e refletir sobre essas diferentes histórias, de diferentes épocas e diferentes contextos, e nos perguntar: será que estamos falando o suficiente sobre o assunto? Será que nós, enquanto pessoas, e enquanto sociedade, damos a devida importância para os transtornos mentais?

Todas as pessoas citadas anteriormente estão ligadas por uma coisa em comum: seus transtornos. Cada uma diferente da outra, cada transtorno com sua especificidade, cada uma afetada de forma diferente. Mas é assim que funciona, é tudo muito subjetivo, o transtorno pode até mesmo ser o mesmo,

mas vai se manifestar de maneira diferente em cada indivíduo, temos muitas variáveis em jogo (vida pessoal, sentimentos, emoções). Estamos falando de pessoas, e cada uma delas é diferente, cada uma delas tem a sua história de vida, e essa história pode definir muita coisa referente aos transtornos.



### 3 CURTOS TRECHOS DE UM LONGO TALVEZ

#### O que é uma narrativa?

Uma história; algo contado ou recontado; um relato de um evento real ou fictício; um relato de uma série de eventos conectados em sequência; um relato de acontecimentos; uma sequência de eventos passados; uma série de eventos lógicos e cronológicos, etc (PAIVA, p.1)

Dentro das narrativas temos total liberdade de criação, podemos contá-las de forma linear ou não, podemos dizer que é dia enquanto é noite, podemos dizer que está chovendo enquanto faz sol, ou seja, as possibilidades são infinitas, podemos criar a nossa vontade. Klinger (2012, p. 10 *apud* MORICONI, 2005) nos traz a ideia de narrativa ficcional, sendo que “o traço marcante na ficção mais recente é a presença autobiográfica real do autor empírico em textos que por outro lado são ficcionais”. Klinger complementa Moriconi dizendo que “de maneira que se trata de discursos explicitamente situados na interface entre real e ficcional”. Ou seja, o autor começa a se inserir dentro das suas narrativas, dentro de suas histórias, fazendo assim parte delas, e também quebrando completamente a barreira entre o real e o ficcional, dando maior abertura para a criação, maior liberdade para a mente deixar fluir ideias, fazendo uma mistura entre pensamentos, sentimentos, ideais, realidade e imaginação. Por exemplo, eu posso contar uma história na qual encontro uma pessoa e começo a conversar com ela, mas

a partir da minha subjetividade acabo contando o que eu quero que você saiba, podendo assim alterar alguns fatos, remoldar a situação, modelar as palavras, deixar tudo mais florido, ou tudo mais pesado, posso fazer o leitor ou ouvinte acreditar na minha verdade sobre essa história. O interlocutor decide em qual verdade ou mentira acreditar. Klinger (2012, p. 13 *apud* LOPES 2005) diz que “para ampliar a afetividade no ato da pesquisa é necessário repensar o ato de escrita e sua relação com o sujeito pesquisador”. E, em conformidade com o autor, para que a pesquisa tenha alma, o pesquisador deve, sim, estar completamente envolvido nela, por dentro dela e muitas vezes ser ela. É assim que a minha pesquisa funciona; sem o meu “eu” inserido, ela deixa de existir.

Nome: Cristiane

Idade: 26

Peso: 69 kg

Altura: 1,70

Residência: Içara - SC

Diagnóstico: Depressão, Ansiedade.

*Minha família é uma daquelas que são um pouco desestruturadas, eu tenho um pai, uma mãe e dois irmãos, é aquela família tradicional brasileira. Meu pai é alcoólatra, perdi as contas de quantas vezes nós acordávamos e ele estava jogado na calçada na frente de casa, e quem tinha que arrastar ele para dentro éramos eu e minha mãe, ele chegava em casa e quebrava tudo, nos ameaçava, inclusive já quase matou a mim e minha mãe quando nos usou como alvo para testar a sua pontaria com facas, e algumas vezes passava a mão em mim e me chamava de gostosa.*

*Por conta disso eu sempre vivi sob pressão, eu nunca sabia se eu e minha mãe íamos apanhar ou não, logo, com esse ambiente machista, minha mãe começou a descontar toda a sua raiva e impaciência em mim e nos meus irmãos. Um dia, na escola, eu tive a primeira crise propriamente dita de ansiedade. Eu tive que apresentar uma peça de teatro que eu mesma havia escrito, até então tudo normal, pois eu sempre fui uma pessoa muito aberta e supersociável, mas logo após a apresentação, começou a acontecer, eu não conseguia respirar direito, fiquei ton-*

ta e comecei a tremer, quase desmaiei, e quando consegui me recuperar, tive que ir sozinha ao hospital. Chegando lá, o médico me passou vários exames, fiquei quase um mês em função de fazê-los, quando voltei a me consultar com todos os resultados, o médico me disse então que era ansiedade, porém não me deu tratamento algum, nem encaminhamento para algum especialista, ele não fez absolutamente nada.

A partir deste ponto as coisas na minha cabeça continuaram a acontecer aceleradamente, eu sempre achava que podia melhorar, ou se eu fiz algo que pensasse estar errado eu repetia até conseguir me satisfazer com o resultado final, mas por mais que eu fizesse tudo direitinho a minha cabeça sempre me dizia que estava tudo errado, e isso acabava me deixando com uma sensação de sufocamento, vinha a falta de ar e tudo acontecia mais uma vez.

Quando eu tinha 15 anos, meu pai chegou bêbado em casa, começou a xingar minha mãe e tentou agredi-la, nesse dia eu me vi obrigada a intervir, mas ele não gostou nada disso, então entrou no meu quarto e quebrou todas as minhas coisas, tudo que eu tinha, de valor ou não, ele quebrou, nesse dia sem dúvidas eu tive uma das piores crises de ansiedade da minha vida. Cheguei ao ponto de desmaiar, fui levada para o hospital e remediada. Desde os meus 12 anos sempre foi assim, a situação sempre era remediada e não controlada, eu nunca fui encaminhada

para um tratamento de verdade, e é claro que isso agravou, e muito, as coisas. Mesmo com tudo isso acontecendo, minha mãe ainda achava que era a famosa 'frescura', nunca levou a sério a situação, eu cheguei a ter uma crise ao lado dela na igreja que ela insistia em me levar, a última coisa de que me lembro antes de desmaiar nesse dia é do olhar de desprezo dela para mim. Ela é o tipo de pessoa que me diz "toma um chazinho que passa". E foi então que comecei a desenvolver um quadro de insônia, eu não conseguia mais dormir antes das 5 da manhã, e acordava sempre por volta do meio dia, eu não conseguia mais descansar enquanto dormia, eu estava de corpo cansado e mesmo assim minha mente parecia não conseguir parar de processar mil coisas ao mesmo tempo. Foi tudo uma questão de influências, tanto internas quanto externas, creio que tudo tenha sido muito mais externo, e então se internalizou, pois eu estava em um ambiente nada saudável e ficando cada vez mais doente, e ninguém ligava.

Quando eu fui morar sozinha uma série de coisas aconteceram que me deixaram pior ainda, eu apanhei na rua sem motivo, creio que foi apenas por ser negra, passei fome durante meses, por não ter o que comer, fiquei muito magra, e não foi culpa minha. A minha autoestima também passou por uma construção externa gigantesca, começando dentro da minha própria casa, pois sou a única filha negra, meus outros irmãos são todos brancos, loiros e de olhos claros. Sofrer racismo pela minha família foi

*algo que me destruiu, me destruiu aos poucos na verdade, pois acontecia todos os dias, sempre me senti inferior a eles, sempre me sentia menos capaz por conta disso.*

*O tempo passou, me formei no ensino médio, comecei a cursar psicologia, onde eu consegui enxergar com mais clareza tudo que ajudou a agravar a patologia que eu carregava. Tive dois relacionamentos abusivos, meu primeiro namorado esperava eu dormir para transar comigo, eu acordava sempre com dores na minhas partes íntimas, então falei para ele que eu estava me sentindo incomodada, mas ele não ligou e ainda me disse que era "minha obrigação como namorada", fiquei com tanto nojo dele que um dia neguei o sexo, então ele me jogou contra a parede de tão irritado que ficou, terminamos, mas como em qualquer relacionamento abusivo, voltei com ele. Não durou muito, pois eu não me sentia amada, estava me sentindo invadida, suja, apenas um objeto sexual sem valor. Essa questão da invasão ficou tão impregnada em mim, que até hoje eu não gosto que ninguém mexa nas minhas coisas, ou entrem no meu quarto sem permissão, não sei se um dia vou conseguir desconstruir isso.*

*Meu segundo relacionamento foi o estopim para que tudo explodisse de vez, ele me manipulava muito pelo fato de que ele também tinha depressão, então ele usava sua doença para me chantagear, falava o tempo todo que cometeria suicídio se eu não fizesse o que ele queria que eu fizesse, ele me fazia parecer culpada por tudo, e com o tem-*

po eu realmente comecei a me sentir culpada pelo transtorno mental dele, e isso foi me deixando com uma exaustão mental enorme, mas mesmo assim eu não conseguia romper esse ciclo de abuso por conta de sua manipulação. Comecei a falar sobre isso pra ele, então terminávamos, e voltávamos, o abuso acontecia de novo, e quando eu finalmente consegui sair desse relacionamento, eu já estava destruída.

Depois de passar por essas situações todas, comecei a ter pensamentos suicidas, lembro de olhar para a varanda do apartamento e ver os varais, havia planejado exatamente minha morte, e seria enforcada em um deles. Uma semana depois meu pai espancou minha mãe dentro de casa, nem um dos meus irmãos fizeram nada, fingiram que não tinha acontecido, então eu tive que tomar todas as iniciativas para ajudar ela, mesmo carregando toda essa dor que eu já estava sentindo, mas lhe convenci a denunciar meu pai para tirá-lo de casa. Consegui.

Assim que resolvi as questões com minha mãe, caí de vez em um poço sem fundo. Tentei suicídio, mas acho importante ressaltar que não é porque eu não gostava da minha vida, mas sim por não aguentar mais, por cansaço, esgotamento. Eu não conseguia mais dormir, às vezes ficava vários dias seguidos sem dormir, não conseguia mais lidar comigo mesma, nesse ponto eu estava querendo morrer tanto quanto queria fumar um cigarro, ou seja, muito, pois sou fumante. Nesse momento eu per-

cebi que eu era um perigo para mim mesma, então liguei para os meus amigos e expliquei a situação, deste ponto em diante eles não me deixaram mais sozinha, eu dormia e acordava sempre com alguém lá do meu lado, eles também me levaram ao psiquiatra, coisa que sozinha eu ainda não tinha feito, e só então eu iniciei o tratamento correto para minha depressão e ansiedade. Juntamente com o tratamento psiquiátrico, comecei a fazer acompanhamento psicológico, que foi quando eu passei por todo o processo de aceitar que eu estava doente e precisava de um tratamento, de saber que as coisas iam melhorar ao longo do tratamento, e essa parte sempre é muito dolorosa. Após isso comecei a me perceber mais, perceber que eu era muito boa em determinadas coisas, hoje eu olho no espelho e vejo a mulher linda e forte que eu sou, uma mulher emancipada, livre.

Estar doente hoje é uma condição que me foi imposta por tudo o que me aconteceu, pois o mundo me dizia que eu deveria ser uma costureira assim como a minha mãe e passar o resto do meu tempo livre na frente de um fogão, um mundo que me dizia que assim como ela eu deveria apanhar do meu marido caso deixasse uma louça suja dentro da pia, por estar dentro de uma sociedade que me vê como minoria, que me quer ver fora dos espaços que hoje eu ocupo, e como mulher, negra, feminista, e que se impõe dentro desse sistema, basicamente me tornei um alvo, seria quase impossível não ficar doente com essa merda toda. As pessoas costumam me atacar por defen-

*der os ideais que defendo, acho que nos falta um grande entendimento de que essas pessoas têm um peso na vida de outras, essas palavras de ódio têm peso, e esses ataques podem muito bem resultar em um suicídio. Hoje eu sou forte o bastante para aguentar isso firme, mas e quem não é?! De uma coisa eu sei, eu decidi que eu não vou me matar, eu não vou dar esse gostinho pra ninguém, eu vou continuar por aqui, e o mundo vai ter que me engolir.*

Nome: Eduardo

Idade: 23

Peso: 75 kg

Altura: 1,76

Residência: Criciúma - SC

Diagnóstico: Transtorno de personalidade Borderline

*Já tenho um histórico familiar significativo em relação a transtornos mentais, meu irmão tem depressão, minha avó tem depressão, ansiedade e pânico, e minha mãe também tem depressão, acho que o fator genética não me foi muito favorável. Minha mãe se separou do meu pai quando eu tinha apenas 2 anos, então nunca tive um pai presente, acho que por isso minha família sempre foi superprotetora durante minha infância inteira. Se eu me sentisse mal por qualquer motivo que fosse, minha mãe ou minha avó simplesmente iam a alguma loja e compravam um brinquedo para mim, como se um brinquedo novo fosse a solução para a minha tristeza. Momentaneamente até poderia ser, mas pelo visto, a longo prazo de nada serviu, apenas para calar a boca de uma criança carente, talvez. Já na escola, eu sofria muito por conta das "brincadeiras de criança", que hoje em dia chamamos de bullying, eu era uma criança gordinha, então automaticamente era motivo de chacota, mas a pior parte de ser gordo era chegar em casa e ter que ouvir minha mãe e minha avó ainda ficarem falando mal do meu corpo bem na minha cara, essa é uma experiência pela qual*

ninguém deveria passar, eu me sentia um lixo humano, cheio de defeitos que na realidade eu nem tinha, defeitos inventados por elas.

Eu fico aqui imaginando, acho que um dos maiores problemas na minha vida foi a ausência do meu pai, afinal ele saiu das nossas vidas muito cedo, eu era uma criança, e acho que a falta dele pode ter sido uma fonte durável de onde eu tirava meus problemas, sei lá, olhando agora, estando com 23 anos, parece que a justificativa de tudo que dava de errado era a ausência do meu pai, eu sei que é errado por a culpa dos nossos problemas nos outros, mas porra, meu pai era um alcoólatra que não trabalhava, e por conta disso minha mãe teve que me criar sozinha, trabalhar para ganhar um salário mínimo, que na época era quase nada, e ainda por cima não recebia nem um tipo de ajuda do meu pai, por conta de ele não trabalhar. O fator bullying foi realmente algo que eu acho que me fez piorar, que me fez sentir mal apenas por eu ser eu mesmo, tanto que passei por 4 escolas diferentes, quando minha mãe percebia que eu estava desistindo de ir para a escola ela me botava em uma nova, mas o problema não estava na escola, o problema de alguma forma sempre acabava me encontrando, creio eu que por ser gay, tudo bem que naquela época eu não entendia toda essa questão de sexualidade, mas o meu jeito espontâneo de ser, e de nunca conseguir me aproximar dos meninos da minha idade, de certa forma colocavam um alvo em mim, e eu não conseguia fugir das flechas. As humilhações eram tantas que eu realmente não queria mais estar na-

quele ambiente, eu chorava no caminho para a escola de raiva, pelo que me acontecia e por ninguém se importar, nem mesmo as direções das escolas pelas quais passei, pois eles viram o bullying acontecendo, eles viram, viram quando um grupo de meninos pegavam pelos braços e pernas e me jogavam em poças d'água em dias de chuva (sim, isso aconteceu muito mais de uma vez), viram quando atiravam lama em mim, viram quando atiravam pedras em mim, viram quando me jogavam no lixo (também não aconteceu apenas uma vez), viram também quando resolveram reinventar a "brincadeira" e resolveram jogar o lixo em mim, sem falar em todos os apelidos horríveis e dolorosos que me davam, eles viram tudo isso, e não fizeram nada.

Quando eu tinha 16 anos, eu resolvi não ir mais para a escola, apenas depois de alguns meses eu consegui voltar. Não foi fácil, nada fácil, eu estava traumatizado, eu não aguentava mais aqueles olhares tortos me julgando. Por conta disso, meu ensino médio inteiro eu basicamente ia para a aula apenas em dias de provas e trabalhos para não tirar zero, os conteúdos alguns colegas levavam até a minha casa para eu estudar, nem sei como consegui me formar no ensino médio. Esse problema me seguiu até na faculdade, não adianta tentar fugir desse tipo de problema, acho que é um dos que nunca vou conseguir me desvincular, eu não entendo o motivo pelo qual isso acontece, ou se existe algum gatilho específico para desencadear isso, mas eu simplesmente não conseguia ficar em uma sala fechada, e o fundo

branco me causa um mal-estar tão grande que muitas vezes me vi sendo obrigado a deixar a sala de aula correndo, para sair daquele ambiente claro demais e sufocante, sinto como se as paredes comesçassem a afunilar, cada vez mais e mais, e com isso vou ficando tonto e tenho calafrios que mais me parece como se algo ou alguém estivesse arrancando minha alma do meu corpo. Agora com meu novo tratamento isso tudo tem se amenizado um pouco, porém ainda acontece, não com a mesma intensidade de antes, mas ainda assim acontece. Eu sei que não terei a mesma qualidade de vida de alguém que não tem um diagnóstico como eu, eu sei que às vezes vou passar mal antes de alguma coisa, seja ela pequena ou grande, eu sei que posso sair de casa e acabar tendo uma crise do nada, mas mesmo assim eu tento não deixar isso influenciar nas minhas decisões, pois se eu deixar isso me controlar, vou deixar de ser eu, sinto que vou me perder e nunca mais me encontrar, então eu saio de casa todos os dias, de qualquer forma, isso não vai me definir, não vou deixar.

Voltando a falar sobre o passado, me ocorre uma coisa, eu lembro de uma época quando eu estava na oitava série, que quando eu começava a me sentir mal, eu ia até a secretaria e eles no início não me deixavam sair da escola, então tive que acabar encontrando um jeito de sair daquele lugar, eu simplesmente não conseguia ficar lá, comecei a inventar coisas, comecei a dizer que estava com dor de cabeça, ou dor de estômago, dor na perna, enfim, dor em qualquer parte do meu corpo que fosse, ape-

nas para minha mãe ir me buscar, mas como eu estava mentindo, minha mãe acabava me levando ao hospital, e eu tinha que continuar fingindo que estava lá por uma dor de cabeça, ao invés de dizer que eu estava passando mal por seja lá qual o motivo. Chegando em casa, para me acalmar, minha mãe sempre me dava algumas gotinhas de Rivotril, sim, Rivotril. Minha avó tomava Rivotril com Whisky lá em casa, então por que não me dar um pouquinho também, não é mesmo?! Eu só não sabia que isso ia se tornar algo ruim no futuro, e acho que ninguém lá em casa estava ligando para isso. Quando eu tinha 16 anos, tive que fazer alguma coisa, lembro de ter discutido muito com a minha mãe para que ela me levasse a algum profissional, e acho que venci ela por cansaço, então finalmente ela me levou a um psiquiatra. Ele me deu uma medicação que me deixava um pouco enjoado e tonto, mas depois de um tempo, minha mãe começou a me dar o remédio todos os dias de manhã e à noite, o que achei muito estranho. Já que ela não queria que eu fizesse o tratamento, logo depois acabei indo na cozinha mais cedo e vi minha mãe abrindo a cápsula do remédio e substituindo por açúcar, então peguei todos os remédios e levei para o meu quarto, para fazer isso sozinho. Comecei então a fazer meu tratamento certinho, mas, em um dia normal, como todos os outros, eu entrei em crise, do nada, quando eu vi já estava acontecendo e eu não podia fazer parar. Foi então que eu fui parar em uma clínica de reabilitação, junto com dependentes químicos, foi uma experiência que eu não sei nem como descrever, foi horrível.

*Foi nessa clínica que me diagnosticaram com Borderline, que até então eu nem sabia o que era. Então comecei a pesquisar mais sobre o Border, acho que é bom saber de o porquê das coisas, saber de onde elas vêm, e pra onde elas possivelmente podem ir. Com a minha terapia eu aprendi que nem tudo tem uma explicação, às vezes as coisas simplesmente acontecem, te pegam de surpresa, e é isso, você não pode fazer nada além de continuar fazendo o que você já está fazendo.*

Nome: Geovana

Idade: 21

Peso: 57 kg

Altura: 1,68

Residência: São Paulo - SP

Diagnóstico: Síndrome do pânico, ansiedade, depressão.

*Até aquele dia não havia nada de errado na minha vida, eu tinha 21 anos, era uma pessoa normal, tinha acabado de conseguir um emprego e estava muito feliz por meu namorado estar empregado também, eu estava absurdamente feliz, feliz de uma maneira a qual nunca havia ficado antes, pois a partir de então eu poderia pensar melhor em um futuro.*

*Fazia duas semanas que havia começado a trabalhar, estava começando a me tornar independente e mostrar para minha família que eu não era apenas um peso morto como eles costumavam me dizer em casa, e isso tudo estava sendo ótimo. Eu estava levando minha vida normalmente e seguindo com a minha rotina diária, mas então, em um dos dias que deveria ser comum, acordei me sentindo muito estranha, estava me sentindo alterada, muito acelerada, não estava no meu normal, mas tentei seguir com minha rotina e fui para o metrô mesmo assim, na esperança de que fosse melhorar.*

*Foi no momento em que cheguei lá que pensei "estou passando mal", e de fato minhas mãos começaram e ficaram cada vez mais geladas e meu coração começou a ace-*

lerar de tal forma que achei que estava tendo um infarto, eu olhava os rostos à minha volta, mas não conseguia identificar ninguém, pois todos os rostos viraram apenas um borrão, dei meia volta e liquei para minha mãe ir me buscar, pois eu sentia que estava quase desmaiando ou prestes a morrer.

Nesse momento, muitas coisas começaram a se passar em minha mente, pensei em tudo que eu poderia perder se morresse logo agora, bem ali no metrô, pensei em meus pais, minha irmã, pensei muito em meus gatos também, tenho um amor imenso por eles, comecei a chorar descontroladamente tomada pelo desespero de achar que estava morrendo. Chamei uma moça que estava passando por ali para pedir ajuda para chegar até o ponto onde minha mãe me encontraria, eu apenas disse para ela ``você pode ir conversando comigo? Estou passando mal``. De muito boa vontade ela me acompanhou e foi conversando comigo o caminho todo, lembro que conversamos sobre comida mexicana, sei que naquele momento para mim ela foi um anjo, não consigo lembrar o nome dela, mas só tenho a agradecer. Chegando em casa as coisas começaram a se normalizar, aquela sensação passou quase que por inteira, então comecei a pensar sobre o que acabara de acontecer pois sempre fui uma pessoa saudável, ao menos eu acho, talvez eu não estivesse me alimentando muito bem naquela semana e estava praticando exercícios físicos, pode ser que eu estivesse muito fraca, vai saber. Na região onde moro estava acontecendo uma epidemia de febre amarela, quase que automática-

mente comecei a pensar que eu estava com febre amarela também, eu estava sozinha em casa pois meus pais estavam trabalhando. Então, todas aquelas sensações ruins do metro começaram a voltar e cada vez mais forte me deixando mais e mais desesperada, comecei a pensar em explicações possíveis para tudo isso, pensei até mesmo que estivesse com um tumor no cérebro ou algo do tipo, tentei me acalmar, deitei no chão gelado de azulejos do meu quarto e fiquei lá por um bom tempo até que meu corpo se resfriasse quase que por inteiro, pelo visto funcionou, levantei e fui correndo para o computador pesquisar na internet sobre o que eu estava sentindo para tentar achar alguma explicação, grande erro, comecei a achar que tinha todas as doenças possíveis nesse mundo. Eu apenas conseguia me sentir presa a mim mesma, e sem uma porta de saída de emergência, eu queria me livrar de todos aqueles pensamentos e sensações, mas, por mais que eu tentasse, não conseguia. Ninguém sabia o que estava acontecendo comigo, nem eu mesma estava conseguindo entender a razão disso tudo estar acontecendo, a única coisa que sabia é que eu não estava bem, e que tudo havia mudado após o incidente do metrô. Eu estava apavorada, não sabia o que eu iria enfrentar e muito menos como enfrentar, foi então que minha mãe decidiu marcar uma consulta com uma psiquiatra para mim. Foi aí onde tudo mudou, minha vida inteira se desfez em uma consulta, tive que ser forte por mim mesma, afinal, recebi o diagnóstico de síndrome do pânico, ansiedade e depressão, que, segundo a doutora, já estava se agravando, se

desenvolvendo para um quadro mais sério ainda. A doutora foi muito paciente em me explicar a funcionalidade de tudo isso, até o whatsapp ela me passou para que eu pudesse informar a ela qualquer problema. Bem, comecei meu tratamento medicamentoso, e não foi fácil, eu tive muitas reações ruins aos remédios, até encontrar um que me estabilizasse, mas até lá eu tive muitos episódios de crises extremas, onde eu não reconhecia nem minha mãe e meu namorado, pessoas com quem eu passava a maior parte do tempo. não reconhecia os objetos à minha volta, eu comecei a me esquecer das coisas com muito mais frequência que o normal, eu chorava todos os dias lembrando de como eu era antes disso tudo começar, e ficava cada vez mais triste, com uma sensação horrível na minha cabeça, como se isso nunca mais fosse passar. Comecei a me sentir mais uma vez presa a uma versão de mim que não era eu. Tive que trocar muitas vezes de medicação até encontrar a certa, foi um processo muito difícil e doloroso, pra mim e para as pessoas à minha volta. Felizmente comecei a melhorar, de pouquinho em pouquinho, mas já era alguma coisa. Atualmente estou melhor, melhor do que eu estava antes pelo menos, é claro que tem dias ruins, e dias muito ruins, mas também tem dias bons, ainda não cheguei a ter dias muito bons, mas pelo menos estou mais estável. Eu comecei a sair de casa de novo, comecei a me sentir mais em mim novamente, e agora quando eu passo mal, eu sei que vai passar, sei que não sou só que passa por isso, e sei que é questão de tempo pra tudo voltar a funcionar, não como antes, nada vai ser como era antes,

*acho que nunca mais, mas o que importa é o hoje, e hoje eu  
estou razoavelmente bem, amanhã não sei.*

Nome: Ana

Idade: 22

Peso: 70 kg

Altura: 1,73

Residência: Sombrio

Diagnóstico: Transtorno de personalidade Borderline

*Eu sempre fui uma criança bem solitária, daquelas que não tem literalmente nem um amigo, acho que deve ser porque eu morava em uma vizinhança onde não tinham muitas crianças da minha idade, e na escola, bem, eu era muito fechada, não só na escola, mas enfim, por conta disso acabei me isolando desde cedo. Quando eu tinha 10 anos, resolvi fazer aulas de teatro, justamente para me ajudar com toda essa questão do isolamento social que eu mesma causei, na esperança de ser mais comunicativa, sei lá, mais aberta ao mundo e às pessoas.*

*Logo depois de entrar para o teatro, acabei indo para a dança, fiquei até os 12 anos no grupo de dança, e depois acabei voltando para a parte do teatro, onde eu acabei conhecendo pessoas mais velhas por ser um grupo misto, e dentre essas pessoas, conheci um cara, pelo qual eu fiquei muito apaixonada, aquela paixonozinha boba e inocente, mas tinha um problema, ele era muito mais velho que eu. Ele começou a se aproximar mais de mim quando eu estava quase fazendo 13 anos, eu ficava toda vermelha quando ele vinha falar comigo, bem inocente mesmo, mas na época eu não percebi que ele estava*

se aproximando de mim por interesse.

Em uma das noites de apresentação eu fiquei sem carona pra voltar pra casa, então ele acabou me oferecendo, e eu na maior inocência aceitei, grande erro, pois pra quem nunca nem tinha dado um beijo na boca, o que aconteceu depois foi assustador, na verdade eu nem sei dizer uma palavra que defina o que eu senti com aquilo, foi uma sensação de morte, eu fui forçada, por alguém muito mais forte que eu a fazer uma coisa que eu não queria, eu me senti suja, me senti podre, me senti morta. Ele me estuprou, no carro.

Depois disso a minha vida mudou completamente, pra muito pior, eu não conseguia mais fazer nada do que eu fazia antes, parei de ir pra igreja, já quase não aparecia na escola, parei de ir pro teatro, eu ia trabalhar apenas, pois eu já trabalhava com 12 anos, acho que esse foi o grande início dos meus problemas.

Eu morava com a minha avó, pois meus pais trabalhavam e simplesmente não tinham tempo pra cuidar de mim, eu passava apenas os fins de semana na casa deles. Passaram-se 7 meses depois do ocorrido, 7 meses sem basicamente sair de casa, minha mãe então veio falar comigo, ainda só veio pois acho que minha avó falou pra ela conversar comigo, então eu contei tudo pra ela, mas o cara era amigo do meu pai, e ela me disse apenas "fica quieta sobre isso, não conta pra ninguém".

O fator família nunca me ajudou muito, não é mesmo?! Desde sempre as coisas foram assim, ninguém ali se importava de verdade comigo, eu me lembro de uma

coisa, que acho que nunca vou esquecer, que foi um dia que eu tinha feito uma prova a qual havia tirado 9,5. Então cheguei em casa toda feliz pra mostrar a minha nota pros meus pais, minha mãe não falou nada, e meu pai disse "poderia ser um 10", eu era uma criança, a única coisa que eu queria ouvir era um "parabéns", uma palavra de carinho ou motivação, será que era tão difícil assim pra eles?! Isso me fez criar dentro de mim desde cedo também uma sensação de insuficiência, pois eu nunca era boa o suficiente pra agradar eles. Quando eu tinha 13 anos, eles decidiram ir morar com a minha avó também, então ficamos todos juntos na mesma casa, eu não sei dizer se isso é bom ou ruim, mas enfim... Passei por várias escolas diferentes na tentativa de tentar me sentir menos envergonhada pelo que aconteceu, mas de certa forma, parece que aquilo me seguia onde quer que eu fosse, não dava pra não pensar naquilo, mas tive que aguentar. No ensino médio fiz a prova para entrar na escola federal da nossa cidade, onde o ensino ia ser melhor e tudo mais, me matei de tanto estudar para conseguir passar, e consegui, mas como sempre, meus pais me falaram que eu não tinha feito mais que a minha obrigação.

Eu ainda estava no ensino médio quando fui procurar uma psicóloga sozinha, pois ninguém na minha casa levava a sério o fato de eu estar deprimida (depois do que eu passei, acho que seria estranho se eu não estivesse deprimida). Fiquei quase dois anos no mesmo ponto de que é uma fase e vai passar. Foi então que eu não es-

tava mais aguentando toda aquela agonia e tentei suicídio. Felizmente eu não morri. Foi só daí em diante que meus pais começaram a se preocupar comigo, mas eu fico pensando: por que só agora? Por que não me deram ouvidos antes? Por que a minha depressão não era digna de atenção deles? Negligência total, tudo isso poderia ter sido evitado se pelo menos um dos meus pais tivesse me ajudado.

Quando eu me sentia mal, começava a me cortar. Fiz isso muitas vezes. Não me sentia eu, meu corpo ficava dormente por horas a fio, eu não sei nem como explicar essa sensação, só sei que uma vez fiquei nesse estado por uma semana inteira, lembro que era um sábado, peguei uma gilete do barbeador, e comecei a cortar o meu braço, eu não sentia nada, então não parei até que comecei a sentir de novo, foi sem dúvidas uma das piores situações pela qual já passei. Quando eu fiz 16 anos, comecei a trabalhar em uma empresa de costura, o que me ajudou a ficar ainda mais doente, pois era um trabalho maçante, eu ficava das 7:00 horas da manhã até às 17:00 horas da tarde sentada atrás da mesma máquina, fazendo a mesma função, o mesmo movimento, de novo e de novo, o dia inteiro. Chegava em casa perto geralmente depois das 18:00 horas, eu tinha tempo apenas de tomar um banho e ir correndo pra não me atrasar para a escola, e foi assim até os meus 18 anos. Nesse meio tempo, eu só piorei, cada vez me sentia mais cansada, cada vez mais sonolenta, cada vez mais tonta, foi então que comecei a passar mal quase todos os dias no trabalho, comecei a desmaiar de exaustão,

nos corredores, no refeitório, no ônibus de volta pra casa, e até mesmo atrás da própria máquina na qual eu trabalhava o dia todo. Isso ficou acontecendo por meses, até que um dia aconteceu na casa da minha avó enquanto fui visitá-la, e, diferente dos meus pais, ela ficou desesperada, tanto que fez algumas ligações e já conseguiu um psiquiatra pra mim no dia seguinte. Então, a primeira consulta foi desesperadora, eu chorei tanto ao ouvir tudo que o médico estava me falando que chegava a me faltar fôlego, foi difícil ouvir que você vai depender de remédios pelo resto da sua vida, mas ao mesmo tempo foi tranquilizante saber o que eu tinha de fato, e que a partir deste ponto eu poderia iniciar meu tratamento corretamente, e que se assim feito, eu poderia ficar estável novamente. É assim que eu tenho levado a vida até hoje, tomo meus remédios diariamente, faz tempo que não tenho uma crise, nunca mais desmaiei, me sinto mais calma quanto a isso, mas sempre fico à espera de que algo de ruim aconteça, pois é assim mesmo, pessoas na minha situação vivem entre altos e baixos, dias bons e dias nem tão bons assim, mas temos que aguentar, ser firmes, e acho que é muito importante ressaltar que a vida nunca mais volta a ser a mesma depois disso tudo, pra ninguém que passa pelo que eu passei. O que a gente pode fazer é nos adaptarmos, é foda, eu sei, queria não saber, mas sei, às vezes até respirar é difícil, mas essa sou eu agora, eu não sou mais quem eu era antes da doença, ela muda a gente, muda de uma forma que não conseguimos reverter esse processo, mas é como eu disse antes, a gente se adapta, é a única

*opção.*

## 4 MEU EU

Para entender o meu processo de pesquisa, primeiramente é necessário me entender, ou melhor, tentar, pois o caminho que me fez chegar aqui é longo e cheio de desvios. Vamos lá. Nem sempre as coisas foram como são hoje, no início eu era uma criança normal, bem hiperativo e alegre, gostava de conversar com todo mundo, e gostava disso, tinha muitos amigos, eu era o tipo de criança destemida, que não se deixava intimidar, era tudo perfeito, levando em consideração tudo o que estava acontecendo em minha vida. Meu pai é alcoólatra, e por conta disso, quando eu tinha 5 anos de idade minha mãe se separou dele, então tivemos que nos mudar de cidade, mudar nossa vida inteira. Ela era uma mulher forte, sempre lutou por mim, nós morávamos de aluguel, e ela sustentava a casa sozinha, com um salário mínimo, mas um salário mínimo do ano de 2001, que é bem menor do que o de hoje em dia, e sem falar que meu pai quase nunca nos ajudava, quase nunca pagava a pensão; o que ele fazia era nos levar caixas de comida, às vezes, mas apenas porque minha avó tinha um mercadinho desses pequenos de bairro.

E assim a vida foi acontecendo, alguns anos se passaram, minha mãe conheceu outro homem quando eu tinha 7 anos, e com ele acabou se casando, homem este que garantiu a minha infelicidade. Ele me agredia verbalmente todos os dias, me agredia fisicamente quando ele queria, e o ambiente de casa já não era mais feliz, e isso se espelhou na minha vida

em todos os aspectos. Na escola eu deixei de ser a criança destemida e passei a ser a que ficava num canto sozinha. A partir deste ponto, tudo começou a mudar, acho que as outras crianças começaram a perceber que eu era meio afeminado, e não demorou para que os apelidinhos começassem, o que foi horrível de se aguentar, todos os dias, o tempo todo, e isso continuou acontecendo até o ensino médio, quando as agressões deixaram de ser apenas verbais, e começaram a ser físicas. Então, eu não me sentia seguro em casa, não me sentia seguro na escola, e nem no trabalho, onde todo mundo parecia estar falando da minha orientação sexual o tempo todo depois que me assumi, aos 17 anos.

Nesse meio tempo, muita coisa estava acontecendo com o meu corpo que eu não sabia explicar, eu comecei a me sentir tonto do nada, suava frio e tudo começava a girar, e por fim eu desmaiava, enfim, o resto vocês já sabem, eu já contei ao decorrer desta pesquisa, pois eu sou também a Cristiane, o Eduardo, a Geovana e a Ana, e sou além delas muitas outras pessoas, pessoas com quem convivo, pessoas que já não estão mais na minha vida, pessoas que estão em algum lugar por aí, pessoas que têm histórias que precisam ser contadas, histórias que precisam ser ouvidas.

Tudo isso me levou a guardar muita coisa dentro de mim, coisas que eu não sabia como botar para fora, coisas que doíam, e bastante. Foi quando uma das terapeutas pela qual passei me aconselhou que eu escrevesse sobre o que estava

acontecendo comigo, e assim eu fiz. Silveira (1992, p. 85. apud JUNG) diz que “Jung vê nos produtos da função imaginativa do inconsciente auto-retratos do que está acontecendo no espaço interno da psique”, acho que nosso inconsciente começa a se tornar aparente em tudo que fazemos, Comecei a escrever relatos das crises, escrevi antes, durante e depois delas também, o que me ajudava a ter mais controle sobre a situação.

Depois disso comecei a escrever poemas, mas eu não paro especificamente para escrevê-los, eles simplesmente vão aparecendo na minha cabeça e eu ponho no papel. Sei que pode parecer meio doido, mas é assim que acontece.

## Imagem 13 – Estava ali

estava ali  
estava ali sem querer estar  
acordar  
passar o dia  
sem querer passar  
dormir  
apenas para acordar  
fingir viver  
mas só existir  
estava querendo estar  
mas ali não mais estava.

-Um Borderline

Depois dos poemas acabei fazendo uma relação interessante entre os transtornos da mente e demônios, acho que eu os vejo dessa forma, pois eles chegam em nossas vidas e nos destroem até não sobrar mais nada, e é desse nada que temos de nos reerguer, pode parecer difícil de entender se você não passou ou passa por algo assim, mas, para quem viveu isso, não é nada difícil. Minha maior referência sobre demônios vem da série Supernatural, na qual a figura de demônio é muito usada, e, como cresci assistindo a essa série, acho que acabei fazendo essa relação quase que sem querer.

Dizem que os olhos são a janela da alma, e é exatamente nos olhos que eu represento o demônio, pois os olhos revelam o que há de mais profundo em uma pessoa. Como disse Modigliane, “quando conhecer sua alma, pintarei seus olhos.”. Eu acredito muito nisso, então eu os apresento negros.

Gosto de trabalhar com a ideia de vazio que os nossos demônios internos acabam por deixar em nós. Huberman (1998, p. 31) nos diz que “devemos fechar os olhos para ver quando o ato de ver nos remete, nos abre a um vazio que nos olha, nos concerne e, em certo sentido nos constitui”. Esse vazio nos olha de volta, nos questiona, nos instiga a refletir sobre o que está em questão, a sanidade que está se perdendo cada vez mais, que está deslizando entre o real e o não real, que está no limbo entre esses dois mundos; talvez o ato de fechar os olhos ajude a enxergar com mais clareza.

Você consegue realmente receber todas as informações que os olhos lhe passam? Você consegue sentir através deles? Você é sensível a eles? Receptível?

Abramos os olhos para experimentar o que não vemos, o que não mais veremos – ou melhor, para experimentar que o que não vemos com toda a evidência (a evidência visível) não obstante nos olha como uma obra (uma obra visual) de perda (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 35)

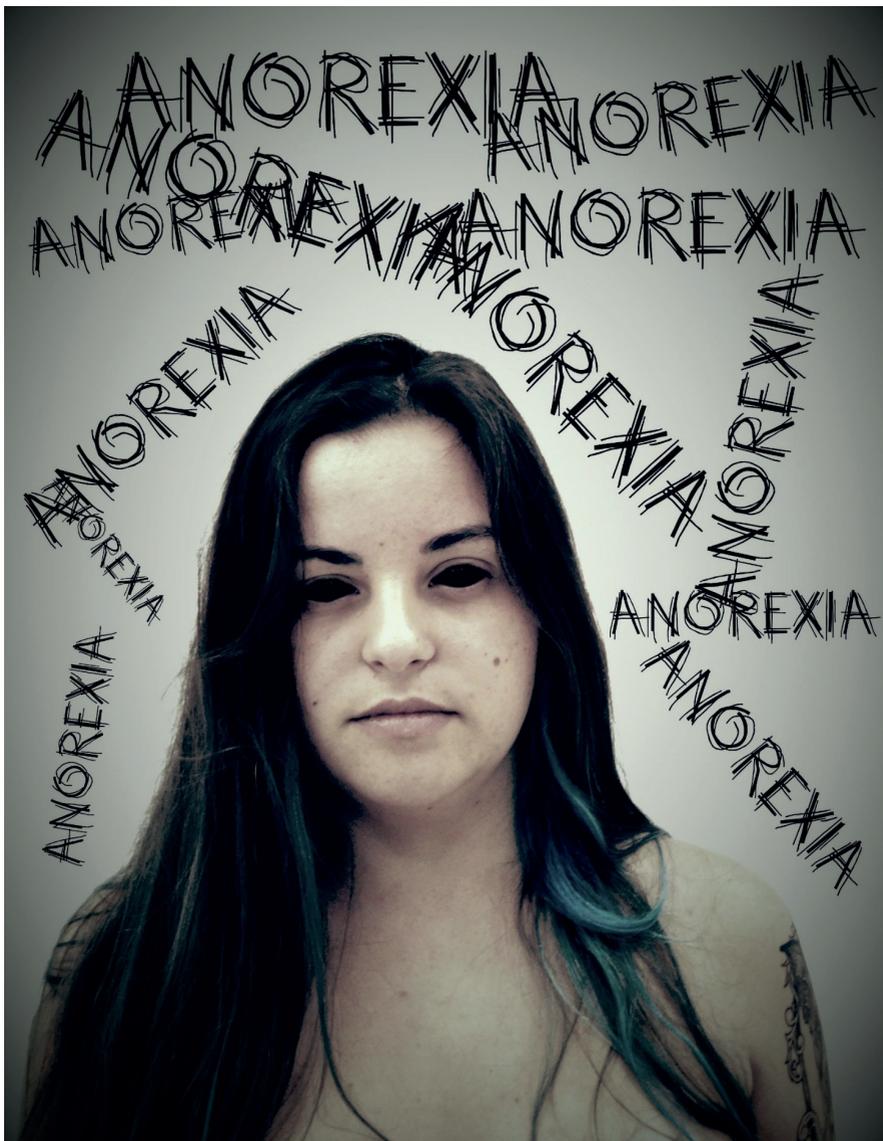
Nas minhas fotografias, apresento pessoas comuns, em situações comuns do dia-a-dia, mas com o foco nos olhos, pois é a partir deles que apresento os demônios internos por trás de rostos comuns, rostos que vemos todos os dias, em todos os lugares, rostos amigos, rostos desconhecidos, enfim, pessoas no geral, que estão vivendo suas vidas normalmente, mas não tão normalmente assim, pois carregam com elas o fardo de seu transtorno. A maioria das pessoas que vivem com algum transtorno mental não fala sobre ele, muitas vezes por medo de rejeição ou vergonha, mas deixam de lado o fato de que o cérebro é um órgão do nosso corpo assim como qualquer outro, e, sendo assim, também fica doente assim como os outros. Não há por que ter vergonha de ter depressão, nem em ter bipolaridade, nem em ser um Borderline, temos de abraçar nosso transtorno e aprender a conviver com ele, assim como as pessoas que tem, por exemplo, diabetes e aprendem a conviver com a sua condição. Não é vergonhoso, e você não é menos digno de aceitação.

Imagem 14 – Demônios internos 1110



Fonte: Acervo pessoal do artista

Imagem 15 – Demônios internos 2110



Fonte: Acervo pessoal do artista

Imagem 16 – Demônios internos 3/10



Fonte: Acervo pessoal do artista

Imagem 17 – Demônios internos 4\10



Fonte: Acervo pessoal do artista

Imagem 18 – Demônios internos 5\10



Fonte: Acervo pessoal do artista

Imagem 19 – Contágio



Fonte: Acervo pessoal do artista

Imagem 20 – Expurgo



Fonte: Acervo pessoal do artista

Imagem 21 – Rostos, 1



Fonte: Acervo pessoal do artista

Imagem 22 – Rostos, 2



Fonte: Acervo pessoal do artista

Imagem 23 – Rostos, 3



Fonte: Acervo pessoal do artista

Imagem 24 – Rostos, 4



Fonte: Acervo pessoal do artista

Sou um jovem que passou e passa por muita coisa, 8 anos de experiência que comprovam que sei muito bem a respeito de cada palavra que aqui escrevo. Todo o meu trabalho tem o intuito de falar sobre o que não estamos acostumados a ouvir e nem mesmo falar, acredito que devemos abrir muito mais nossas mentes para que possamos entender as pessoas ao nosso redor que sofrem com transtornos mentais, e digo desde já, a sociedade na qual infelizmente estamos inseridos tem um longo, longo caminho pela estrada do entendimento até chegar ao destino que é a compreensão, a aceitação de que isso realmente é algo sério, e o respeito por quem vive sem ter o controle sobre sua própria mente. Eu sou um trabalhador, eu sou um estudante, sou artista, sou filho, sou irmão, sou amigo, sou namorado, estou aqui, eu existo. Eu sou Um Borderline.



## Receita para a loucura



1 xícara de pai ausente

1 xícara de mãe ausente



13 colheres de sopa de um padrao machista e homofóbico

6 mls de bullying na escola



1/3 xícaras de relacionamentos abusivos

15 gramas de abuso sexual

uso de álcool a gosto

uso de drogas a gosto



uso excessivo de medicamentos a gosto

misture tudo



leve a uma mente preaquecida

deixe-a se conturbar

pronto.



## 6 DIÁRIO

Caro leitor, informo que a partir desse ponto você será sujeito a ler palavras um pouco fortes, relatos de sensações, sentimentos, lembranças, motivações e traumas resultantes de meu transtorno. Talvez você não goste, talvez você prefira ler algo mais romântico ou fictício, ou talvez nem mesmo ler. O conteúdo aqui presente é complexo e pode parecer inventado, mas essa é a verdade, e é assim que acontece, foi assim que aconteceu. Você pode se espantar, mas estou aqui para contar a minha história, do início ao meio, pois ela nunca terá um fim. Minha história não é apenas minha, meu “eu” não é apenas meu, ele é de muitas outras pessoas, pessoas que estão por aí, pelas ruas, escolas, hospitais, e muitas delas podem até mesmo estar bem do seu lado, mas a questão é que a maioria delas são anônimas. Você as vê?



## 7 REFERÊNCIAS

ARTIST, Kim Noble. **Kim noble**. 2019. Disponível em: <<http://www.kimnobleartist.com/about.html>>. Acesso em: 18 out. 2019.

BORGES, Viviane Trindade. Memória e (re)construção de si nas obras de dois “loucos” artistas. **Métis: história e cultura**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p.201-215, jul. 2007. Semestral. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/843/600>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

DANTAS, Marta. **Arthur bispo do Rosário: a poética do delírio**. São Paulo: Unesp, 2009. 224 p.

DORIN, Lannoy. **Enciclopédia de psicologia contemporânea**. São Paulo: Livraria Editora Iracema LTDA, 1981

FOUCAULT, Michel. **História da loucura: na idade clássica**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. 551 p.

FRAYZE-PEREIRA, João A.. **Arte, dor: inquietudes entre esté-**

tica e psicanálise. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

HIDALGO, Luciana. **Arthur bispo do Rosário**: o senhor do labirinto. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. 189 p.

JUSTIFICANDO. **Arthur Bispo do Rosário**: louco(?), gênio, na contramão manicomial. 2015. Disponível em: <louco(?), gênio, na contramão manicomial>. Acesso em: 18 out. 2019.

KAYSEN, Suzanna. **Garota interrompida**. São Paulo: Editora Gente, 2013.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. 170 p.

LEÃO, Rodrigo de Souza. **O esquizoide**: Coração na boca. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MORO, Larissa Moraes; GUAZINA, Félix Miguel Nascimento. Arte e experiência: Relações da arte no contexto da saúde

mental. **Trabalho Com Cultura e Arte: Implicações em Saúde Mental e Atenção Psicossocial**, Florianópolis, v. 8, n. 18, p.25-42, abr. 2016. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/4027/4618>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

NOTÍCIAS, Diário de. **Quase 200 anos depois da morte de Goya foi descoberta a doença que o deixou surdo: Pintor espanhol perdeu a audição**

O GLOBO. **Yayoi Kusama e o transtorno artístico compulsivo**. 2013. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/yayoi-kusama-o-transtorno-artistico-compulsivo-10265467>>. Acesso em: 18 out. 2019.

PAIVA. **Pesquisa Narrativa: uma introdução**. Minas Gerais: Ufmg.

RACIONAL, Psicologia. **A arte e a doença de Van Gogh. Com ótimo vídeo sobre sua obra**. 2011. Disponível em: <A arte e a doença de Van Gogh. Com ótimo vídeo sobre sua obra>. Acesso em: 18 out. 2019.

RESEARCHGATE. **Síndrome de Susac**. 2012. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/279181104\\_Síndrome\\_de\\_Susac](https://www.researchgate.net/publication/279181104_Síndrome_de_Susac)>. Acesso em: 18 out. 2019.

aos 46 anos de idade. 2017. Disponível em: <Pintor espanhol perdeu a audição aos 46 anos de idade>. Acesso em: 18 out. 2019.

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática S.a, 1992. 165 p.

S.PAULO, Folha de. **Sossega, Leão**: A lucidez póstuma do poeta. 2011. Disponível em: <A lucidez póstuma do poeta>. Acesso em: 18 out. 2019.

SOUZA; MARTINS; TOURINHO. **Pesquisa Narrativa**: Interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ufsm, 2017.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 1., 2011, Florianópolis. **Arthur Bispo do Rosário**: loucura, arte e apatrimonialização. Florianópolis: Udesc, 2011.

13 p. Disponível em: <<http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/stpi/paper/viewFile/326/247>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

UFRGS (Porto Alegre) (Org.). **Toc:** transtorno obsessivo compulsivo. 2014. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/toc/index.php/sobre-o-toc/5-o-que-e-o-toc-e-quais-sao-os-seus-sintomas.html>>. Acesso em: 18 out. 2019.

VITTUDE. **Dislexia:** sintomas, diagnóstico, tratamento e impactos no aprendizado. 2018. Disponível em: <<https://www.vittude.com/blog/dislexia-sintomas-diagnostico-tratamento/>>. Acesso em: 18 out. 2019.

VITTUDE. **TDAH:** Tudo sobre transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. 2017. Disponível em: <<https://www.vittude.com/blog/tdah/>>. Acesso em: 18 out. 2019.

VITTUDE. **Síndrome do Pânico:** sintomas físicos e tratamento. 2018. Disponível em: <<https://www.vittude.com/blog/sindrome-do-panico-sintomas-fisicos/>>. Acesso em: 18 out. 2019.

VITTUDE. **Síndrome de Borderline**: conheça os sintomas e tratamentos deste transtorno. 2017. Disponível em: <<https://www.vittude.com/blog/sindrome-de-borderline/>>. Acesso em: 18 out. 201

## ANEXO 1 - DIÁRIO



# Diário

Tailan Borges

**13/01/2014**

À 5 dias iniciei um tratamento novo que me foi dado também por um médico novo, pois o antigo me deu medicações que me faziam ter crises convulsivas, mas a fase de adaptação ainda não passou, geralmente leva umas três ou quatro semanas para o meu organismo acostumar e começar a reagir bem com a medicação. São 4:00 horas da manhã, a medicação não me deixa dormir, meus olhos ardem e pelo meu corpo todo estou tendo pequenos tremores, e enquanto escrevo minha mão está tremendo, mas minha psicóloga me disse para escrever quando as crises começassem, então comecei a escrever. Aqui estou eu, tremendo, chorando e sem saber o que fazer.

**20/07/2016**

Estou aqui tentando pensar que isso tudo vai funcionar dessa vez, e que minha vida vai mudar. Quando estou em estado de crise como agora, gosto de imaginar meu futuro, pois quero ter um. Gosto de imaginar coisas incríveis que eu poderia fazer, com pessoas legais a minha volta, grandes feitos, momentos nos quais me vejo feliz e bem encaixado em algo bom. Porém não sei se isso tudo pode mesmo ser algum dia real. Não sei se consigo aguentar o quarto ano disso tudo.

**02/10/2016**

Assim que setembro terminou, entrei para o quinto ano disso tudo. Sinto como se estivesse me matando tão lentamente, mas ao mesmo tempo tão rápido que consigo sentir aqui dentro as coisas sendo destruídas, sumindo, sendo apagadas. Meus últimos três anos passam pela minha mente como se fossem um borrão, uma neblina muito densa que por mais que eu tente, não consigo ver nada através dela, é como se todo esse tempo nunca tenha realmente existido, como quando você acaba de acordar e não lembra do seu sonho por inteiro, apenas fragmentos dele. Mas no meu caso, creio que seja um pesadelo.

**22/03/2015**

Está acontecendo novamente. 2 horas da manhã. Não consigo pensar em nada além de que provavelmente a minha vida não será mais que isso, surtos, crises, médicos, hospitais, exames, remédios, ou seja, o pacote completo de uma pessoa em meu estado. Eu juro que estou tentando fazer o possível e também o impossível para fugir disso, para mudar o mínimo que seja esta minha linha do tempo distorcida. Cada vez mais isso vai se impregnando em mim. Estou tentando não deixar tomar conta de mim, de quem eu sou, do que eu já fui, e do que um dia eu possa ser.

**16/11/2014**

Hoje é domingo, está chovendo lá fora, estou chorando para variar, esperando uma resposta que eu sei que nunca vai chegar. Não sei como ainda consigo ser tão ingênuo por esperar por coisas que possam nunca acontecer, acho que esse não é um problema apenas meu, acho que é quase impossível criar expectativas sobre possíveis eventos futuros. Acho que todos nós colocamos uma venda em nós mesmos, talvez inconscientemente para que tenhamos a ilusão de que não sabemos o que está se passando com nossas vidas, mas acredite, sabemos sim, e muito bem, e fingir que não é real é uma grande estupidez. Não quero mais escrever sobre isso.

**25/01/2016**

Sou o tipo de pessoa que prefere acreditar em que todos tem um lado bom, pois bem, não é assim, algumas são apenas sujeira, são podres. No início de 2016 meu padrasto homofóbico me fez sair de casa, depois de 13 anos sendo humilhado quase que diariamente por ele, sendo agredido verbal e fisicamente. Lembro muito bem de um dia que ele arrombou a porta do meu quarto apenas para me agredir. Creio que meus problemas em parte são resultado disso. Ele me mandou sair da casa ``dele``. Pois bem, saí. Algumas pessoas não merecem ser salvas.

**25/02/2018**

Hoje a tarde eu estava caminhando pelo centro depois de ver uma amiga minha e quando eu olhei pra baixo tudo começou a girar, de repente, minha visão ficou embaçada, e ficou assim por um certo tempo, sentei em um banco que tinha lá perto pra esperar isso passar, demorou. Quando voltei a enxergar, tudo estava estranho, a calçada estava oscilando como ondas do mar, eu fiquei bem assustado, não sei por que essas coisas estão acontecendo, mas estão cada vez mais frequentes, e eu não sei nem o que pensar, simplesmente não sei.

**08/04/2015**

Acabei de chegar em casa, passei basicamente o dia todo no hospital, já virou rotina pra mim. Eu fiquei muito tempo vivendo no meu mundinho isolado dentro do meu quarto com medo de viver assim lá fora, mas percebi que a vida não se passa apenas dentro do meu quarto, ela não vai fazer tudo por mim, tenho que ter força para enfrenta-la, e eu sei que dói, muito bem inclusive. Para mim, ficar lá fora e enfrenta-la é como se eu estivesse recebendo um soco na cara por minuto, mas creio que é isso, é o preço a se pagar para ter a chance de vive-la.

**29/07/2016**

É, mais uma vez. Desde que comecei a escrever senti que de alguma forma me esquivasse dos surtos enquanto estou escrevendo, mas hoje é um dos dias muito ruins, pior que um dos dias apenas ruins, tem uma diferença, bem grande inclusive. Sinto que minha vida vai acabar no instante que eu largar esta caneta e fechar este diário, como se ela não fosse nada além disso, além de coisas que já se passaram.

**06/12/2016**

Estou em crise desde o início do dia, que foi e continua sendo horrível, apenas com idas à médicos e mais exames, soro, muito soro, e mais um pouquinho de soro. Minha mãe, após o grande surto (tentei suicídio), me mandou para a cidade do meu pai, para ficar sobe os cuidados da minha avó, que é uma mulher incrível e batalhadora. Mas enfim, voltando ao assunto, meu padrasto não me quis de volta em casa e obrigou ela a escolher entre um ou outro, e adivinha? Ela escolheu ele. Pela terceira vez.

**05/06/2017**

Não sinto que isso vá passar, não sei eu vou melhorar, não que eu não queira, pois é a única coisa que eu quero nesse mundo. Se eu tivesse minha saúde de volta eu juro que nunca mais reclamaria de nada nem de ninguém, acordaria todos os dias da minha vida sorrindo e agradecendo ao universo por que eu seria a pessoa mais feliz nele. Mas infelizmente essa não é a minha realidade, ainda estou doente e tendo crises quase diárias. Não posso fazer nada além de esperar.

**29/04/2014**

Fazia duas semanas que eu não sentia meu corpo, não sentia nada, nem o gosto da comida na minha boca, minha língua estava dormente também, tudo estava dormente, eu estava desesperado, foi então que peguei uma navalha do meu estilete e comecei a cortar o meu braço, foram muitos cortes, eu parei de contar depois do 50. Eu não sei o por que, mas eu não conseguia parar, é como se meu cérebro estivesse me mandando cortar e cortar e cortar. Voltei a sentir tudo depois de algumas horas depois dos cortes.

**14/04/2017**

Faz quatro semanas que iniciei um novo tratamento e ainda não tive nem um resultado significativo até agora, não sei se a medicação vai demorar mais tempo para fazer efeito ou se simplesmente não fará efeito, pois algumas medicações não funcionam mesmo com certas pessoas. Isso me deixa muito preocupado sobre o meu futuro hipotético, por que por mais que eu pense em coisas boas, eu ainda tenho que encarar a realidade e ter em mente que as coisas podem não melhorar.

**07/11/2015**

Eu estou me esforçando para aguentar, com todas as minhas forças, mas sabe aquela sensação de que tudo vai desandar, e de que nada vai acabar bem por mais que todos digam que sim?! É isso, minha vida é uma incerteza sem prazo de termino. Não sei se o dia vai acabar bem ou mal, se vou ficar estável ao seu passar ou se vou ter mais uma crise. Eu nunca sei.

**20/03/2018**

Estou sentindo um vazio enorme aqui dentro, e por mais que eu tente preencher com qualquer coisa, ele nunca se vai, nunca se fecha. Eu me sinto as vezes como um buraco negro que suga tudo e todos ao meu redor arrastando-os para a minha tristeza e para minha confusão. Eu odeio isso, fico me sentindo pior ainda, não quero ver as pessoas que amo sofrendo por minha causa, odeio ver elas se afundando comigo.

**29/05/2018**

Não consigo deixar meu passado para traz, todas aquelas lembranças ruins, os abusos, tudo que fizeram de ruim comigo na escola, em casa, na rua... Eu não consigo deixar isso ir, e isso tudo se acumula como em uma grande lata de lixo, é como se eu estivesse preso no fundo dela e não conseguisse sair, e o lixo continua a ser despejado, e não para, e eu não consigo sair de lá, estou preso à tudo de ruim que me aconteceu. Grande ironia cósmica.

**05/09/2017**

Bem, hoje é um dia especialmente ruim, é o dia do meu aniversário. Geralmente as pessoas costumam ficar felizes por este dia, mas no meu caso não, eu não gosto muito de datas comemorativas como esta, tudo parece ficar mais distante sabe? Aquela felicidade toda, os sorrisos e abraços, os presentes, parece que nada disso me pertence mais, eu não me sinto eu mesmo, é como se eu estivesse sendo uma versão com defeito de mim mesmo, uma versão que não funciona mais como deveria estar funcionando. Eu sinto todo o amor da mesma forma, e adoro isso, não vou negar, apenas sinto que não são pro meu eu atual, parece que todo esse amor é referente à que eu costumava ser, e isso é injusto pra caralho.

**18/09/2016**

Caralho, são 3:37 da manhã, não estou bem, acabei de ter uma crise de ansiedade, uma das grandes. Já tomei 4 banhos desde as 23:00 horas até agora, na esperança de me acalmar um pouco, acho que essa foi uma das mais longas crises que eu já tive, é estranho ficar tanto tempo assim, sei lá, tudo começa a ficar estranho, a parede parece estar se mexendo, eu sei que ela está parada, pois paredes não se mexem assim, mas mesmo assim meus olhos estão vendo ela se mexendo, acho que isso não deve ser apenas da ansiedade.

**30/03/2019**

Hoje tive uma crise dentro do ônibus enquanto voltava para a casa, foi coisa rápida, não me lembro de muita coisa, na maioria das vezes não me lembro, mas eu lembro de ter olhada pela janela enquanto o ônibus estava parado, pelo menos eu acho que ele estava parado, e vi uma sacola preta, que depois virou um gato, depois uma sacola, e mais uma vez um gato, e então o ônibus começou a andar, fiquei sem entender e até agora não sei ainda o que eu vi, se foi uma sacola, ou se foi um gato.

**04/12/2018**

Eu não acordei muito bem hoje, estou me sentindo muito estranho, está tudo muito estranho, meu corpo todo está dormente de novo. Eram 2 horas da manhã quando sai de casa, estava morrendo de agonia, ficar dentro de casa estava insuportável, tive que sair para tomar um ar, comecei a caminhar pelo bairro, mas minha visão estava meio embaçada, não estava conseguindo ver direito, me lembro apenas de ver as luzes dos postes de luz e de ouvir o barulho do meu tênis na areia. Quando voltei para casa já estava amanhecendo.

**29/04/2014**

Fazia duas semanas que eu não sentia meu corpo, não sentia nada, nem o gosto da comida na minha boca, minha língua estava dormente também, tudo estava dormente, eu estava desesperado, foi então que peguei uma navalha do meu estilete e comecei a cortar o meu braço, foram muitos cortes, eu parei de contar depois do 50. Eu não sei o por que, mas eu não conseguia parar, é como se meu cérebro estivesse me mandando cortar e cortar e cortar. Voltei a sentir tudo depois de algumas horas depois dos cortes.

